

EU E OUTROS (EUS): ESCRIVENTES DA AIDS POR UMA ABORDAGEM INTERSECCIONAL¹

Maurício Silva da Anuniação²

Resumo: Neste ensaio apresento o processo de representações sociais de corpos de pessoas que vivem com hiv/aids e aponto para importância de propor uma abordagem interseccional, nas questões relativas as subjetividades corpóreas, assim como suas identidades.

Palavras-Chave: Representação. Corpo, Hiv/aids. Literatura.

Após o diagnóstico positivo para hiv/aids³, o autor Caio Fernando Abreu passa a protagonizar, em *Cartas para Além dos Muros*, “escrivências”, tal como Conceição Evaristo (1994) a define: ou seja, enquanto “a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido”. No entanto, apesar de Caio Fernando Abreu ter empreendido diálogos e rupturas importantes na ficção brasileira contemporânea, não devemos recorrer apenas ao discurso universal da branquitude como se o corpo branco fosse o porta-voz das corporalidades subjetivas de quem convive com o vírus do hiv, das relações sociais e suas subjetividades. É preciso rasurar o imaginário e a narrativa universal da

¹ As reflexões apresentadas neste ensaio integram parte da pesquisa (em andamento) sobre escrita do corpo negro em narrativas de autoria negro-positiva no Brasil sob a orientação do Professor Dr. Paulo César Souza Garcia (UNEB).

² Doutorando em Crítica Cultural, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de vida. É integrante do Grupo de Pesquisa Língua (gem) e Crítica Cultural (UNEB). Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: mauricio.ufba@gmail.com.

³ Todas às vezes que as palavras hiv/aids aparecerem grafadas em minúsculas é com o objetivo de descontaminar os estigmas atribuídos a doença e as pessoas que convivem com o diagnóstico. As palavras só aparecerão em caixa alta quando referenciado de outro autor.

branquitude (CARDOSO, 2008), a fim de viabilizar novos diálogos e novas narrativas, produzidas a partir do olhar dos corpos negros.

É importante destacar que *Escrever* a partir da experiência do corpo de uma bicha branca é muito diferente de *Escrever* a partir da experiência do corpo de uma bicha preta, mesmo que ambos os corpos sejam marcados pelo diagnóstico positivo para hiv/aids. Afinal, segundo dados da UNIAIDS (2019), pessoas negras morrem vinte por cento a mais que pessoas brancas em decorrência de complicações do vírus hiv. Objetiva-se, assim, comparar as escritas de bichas pretas com diagnóstico positivo para hiv/aids, a partir da edição de uma antologia produzida por esses corpos, e as escritas de bichas brancas com diagnóstico positivo para hiv/aids a partir das “Cartas para Além dos Muros”, de Caio Fernando de Abreu.

A autoficção de Caio Fernando de Abreu (CFA) é performativa. Isto é, o autor se coloca como “sujeito da performance” enquanto uma estratégia para se multiplicar em outros *eus* (KOGURE, 2015). Embora CFA seja conhecido pelas cartas escritas ao longo da própria vida — cartas lidas por autores como Evando Nascimento e Ítalo Moricconi como *autoficção*, em “*Cartas para Além dos Muros*”⁴ há uma mudança na auto-representação do autor no texto. Caio Fernando de Abreu trata, neste conjunto particular de cartas, sobretudo sobre sua experiência de vida-corpo-morte com o hiv.

Segundo Conceição Evaristo (2005), “assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as

⁴ Caio Fernando de Abreu foi cronista dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Zero Hora* entre 1986 e 1988. Suas crônicas foram reunidas no volume *Pequenas Epifanias* (2006), organizadas por seu amigo Gil França Veloso e publicado pela primeira vez em 1996, logo após sua morte.

escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro, imagens de uma auto-representação” (EVARISTO, 2017) ressaltou a potência de se pensar o conceito de escrevivência em outros grupos minoritários. CFA, apesar de se identificar com o gênero masculino, foi uma bicha assumida e, em vários momentos de sua obra, multiplicou personagens de sexualidade e de identidade de gênero diferente do heteronormativo e cisgênero.

Após o diagnóstico positivo de hiv/aids, o autor passa a protagonizar, pelas Cartas, “escrevivências”, tal como Conceição Evaristo (2005) a define: ou seja, enquanto “a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (EVARISTO, 2005). Em “Primeira Carta para Além dos Muros”, já se percebem as marcas, não apenas da “inscrita de si”, mas também da mudança provocada pelo diagnóstico positivo para HIV/Aids: “É com terrível esforço que te escrevo. E isso *agora* não é mais apenas uma *maneira literária* de dizer que escrever significa mexer com funduras — como Clarice, feito Pessoa. Em Carson McCullers *doía fisicamente, no corpo feito de carne e veias e músculos*. Pois é *no corpo que escrever me dói agora*. Nestas *duas mãos* que você não vê sobre o teclado, com suas *veias inchadas, feridas*, cheias de fios e tubos plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorrem líquidos que, dizem, vão me salvar” (grifo nosso). Marcadores como o da dor física no corpo que escreve e, em simultâneo, só pode escrever porque se inscreve na narrativa, demonstram uma mudança no processo de construção autoral. Não se trata mais da descrição. O marcador agora, que estabelece uma relação de antes e depois, demonstra, de maneira tácita, a mudança provocada pelo tratamento e todos os efeitos advindos deste.

Nossa hipótese é a de que nestas cartas, Caio Fernando Abreu passa a marcar outro lugar: narrador e personagem se confundem entre o lugar social e discursivo. As Cartas narram a

auto-representação da vida alinhada a uma escrevivência em interlocuções diretas com o leitor. Isso coloca em evidência a subjetividade de quem vive sob o diagnóstico de positivo para hiv/aids, escrevivendo do lugar de uma subjetividade que transita pelos temas da morte, da solidão, do medo e da afetividade.

Caio Fernando Abreu, antes e, principalmente, depois da sorologia positiva do hiv/aids, já era parte e representava, por meio de sua (auto)ficção, grupos minoritários. Contudo, o problema da representatividade, como discute (DALCASTAGNÉ, 2007), não se resume apenas à ausência, ao silenciamento ou ao apagamento quase absoluto de grupos minoritários do campo literário, mas também à ausência de personagens que tendem a desempenhar as produções literárias como texto performativo.

Apesar de Caio Fernando Abreu ter inaugurado com fecundidade um espaço para diálogos e rupturas na ficção brasileira contemporânea, não se deve recorrer apenas ao discurso único do outro-branco (KILOMBA, 2010), como o portavoz dos corpos soropositivos, nem de suas relações afetivas. Segundo Grada Kilomba (2016, p. 174), “no mundo conceitual branco, o sujeito Negro é identificado como o objeto ‘ruim’, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável — permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa”. Nesse sentido, faz-se necessário rasurar, não apenas o imaginário da branquitude (CARDOSO, 2008), mas também viabilizar novos diálogos e novas narrativas, produzidas a partir do olhar dos corpos negros.

Nesse contexto, escrever a partir da experiência do corpo de uma bicha branca é muito diferente de escrever a partir da

experiência do corpo de uma bicha preta. Apesar de a homossexualidade colocar o corpo em um lugar minoritário, a questão racial, de gênero e de classe econômica, segundo autoras como Luiza Bairos e Sueli Carneiro, são marcadores constitutivos do processo de subjetivação e de divisão da estrutura social. Assim, é de suma importância ler a escrevivência das bichas pretas com diagnóstico positivo para hiv/aids. As cartas de Caio Fernando Abreu aparecem em nossa pesquisa como um suporte expressivo e necessário para uma análise crítico-comparativa entre duas realidades distintas: a da bicha branca com diagnóstico positivo para hiv/aids e a da bicha preta com diagnóstico positivo para hiv/aids, a fim de apontar as incongruências estruturais presentes nestas narrativas. Nossa hipótese é que esta investigação comparativa no campo das representações de si das bichas pretas e brancas, ou, como defendemos aqui retomando Conceição Evaristo, das escrevivências, produzirá uma rasura necessária no imaginário hegemônico-branco ao escutar este lugar de enunciação contra-hegemônico (HALL, 2001) — o das bichas pretas com diagnóstico positivo para hiv/aids. Acreditamos que o descentramento do discurso hegemônico pode abrir caminhos para novos espaços de contestação.

A escuta (DUMARESQ, 2016) deste lugar de enunciação da bicha preta positiva para hiv/aids deve ser empreendida por meio de outros artifícios, que não os do cânone literário, a fim de que haja espaço não apenas para a emergência da autoria enquanto lugar de ilusão de unidade subjetiva (FOUCAULT, 1970), mas também para o reconhecimento e representação coletivos desses corpos bichas e pretas que, ao receber um “diagnóstico”, recebem a injunção de mais um marcador social de estigma, discriminação e preconceito.

Assim, escutaremos estes corpos marcados pelo racismo, pelo machismo, pela homofobia e pelo estigma negativo que o

diagnóstico positivo produz a partir de letramentos de re-existência, tal como propõe Ana Lúcia Silva Souza.

A investigação nasce da inquietação do pesquisador negro, bicha preta e de comunidade periférica que escuta dados alarmantes a respeito da população negra. Segundo UNIAIDS (2019), “a epidemia de HIV ainda afeta desproporcionalmente a população afrodescendente. Segundo dados do Boletim Epidemiológico de 2019 do Ministério da Saúde, entre os casos de infecção por HIV registrados de 2007 a 2015, 44% são entre brancos e 54, 8% são entre pretos e pardos. A diferença é maior entre mulheres: 39, 2% dos casos são entre brancas e 59, 6% entre pretas e pardas” (UNIAIDS, 2015). Além disso, a mortalidade do HIV entre pessoas negras é 20% maior.

É preciso visibilizar e viabilizar estes *corpos dissidentes* com diagnóstico positivo para hiv/aids também na ficção brasileira contemporânea. Historicamente, estes são corpos postos à margem, além de serem corpos silenciados ou marcados por uma série de estereótipos, como pode ser observado na antologia de *Cartas pós-diagnóstico* publicadas por Caio Fernando Abreu. Esses marcadores identitários constroem um local de fala propício para o pesquisador enquanto bicha preta e intelectual, cujas experiências contribuirão para uma escuta sensível das escrevivências destes corpos bichas, e positivas para hiv/aids, a fim de compreender as diferentes sociabilidades e subjetividades presentes nestes corpos, deslocando as disposições do poder.

Stuart Hall afirma que:

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e iso não pe simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de

novas identidade e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural (HALL, 2009, p. 320).

Nesse sentido, faz-se necessário confrontar e repensar o lugar de fala do outro-branco, que também é um escrevinte de um corpo positivo para hiv/aids, mas situado dentro de um sistema configurado e definido pela hegemonia. Segundo a Profa. Dra. Lívia Natália,

Escondido sob a malha insondável do anônimo, excepcional e problemático, engendra-se um lavar as mãos que gera um lugar de conforto que não apenas adia uma reflexão mais firme sobre o problema, mas também coloca em suspenso a possibilidade de denunciar, na omissão, um contributo para a manutenção das diferenças rebaixadoras. Ao negociar o racismo, sexismo, homofobia ou qualquer outro terror às alteridades, há uma sistemática desmobilização da necessidade de acesso a bens simbólicos, e até pecuniários (SANTOS, 1997, p. 320).

Assim, esse trabalho é de extrema relevância, pois pretende colaborar com reflexões já conhecidas no campo dos estudos culturais, aliado a uma perspectiva interseccional, que compreende a importância dos marcadores de sexualidade, gênero, classe e raça a partir dos corpos dissidentes positivos para hiv/aids, analisando a representação desta autoridade.

As “*Cartas*” de Caio Fernando Abreu atuam como dispositivos de performance da subjetivação dos corpos das bichas com diagnóstico positivo para hiv/aids. É preciso pensar como essas performances podem ser lidas como *escrevivências* e de que maneira podem colaborar na quebra dos estigmas vividos por leitores com o diagnóstico de positivo para hiv/aids. Frente a isso, e pensando na minha atuação enquanto professor de Língua e Literaturas, propomos a sistematização e a problematização das demandas contemporâneas da formação dos corpos por meio das suas experiências pessoais e coletivas, com enfoque em suas *escrevivências*.

Partindo dessa concepção, retomo o pensamento de Paulo Freire, para pensar na educação como um ato político e social. Para tal, me aproprio de suas palavras:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 2014, p. 53).

Nesse sentido, rompe-se coletivamente com as ideologias das classes hegemônicas e propõe-se novas construções culturais, pensando a partir dos lugares designados a estes sujeitos escrevíveis que vivem para além das cartas de Caio Fernando Abreu. Assim, deslocam-se as disposições do poder, tal como compreendidas por Stuart Hall (2009). Nosso procedimento metodológico parte da possibilidade de ressignificar os corpos das bichas pretas com diagnóstico positivo para hiv/aids a partir dos processos de suas *escrevivências*. Afinal, como afirma Juarez Dayrel (1992, p. 2) “são as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas”.

O letramento, neste sentido, pode ocorrer nos mais diferentes espaços e situações sociais, num processo de experiência coletiva. Portanto, este projeto pretende aliar o conceito de *letramento de reexistência* (2011) e *escrevivências* (2015), das duas intelectuais negras Ana Lúcia Souza e Conceição Evaristo, respectivamente. Não se trata apenas de fazer um levantamento dos estudos sobre a aids, mas de pontuar aspectos importantes para compreender em que medida os letramentos de diversas materialidades significantes atuam como um instrumento de performance para ver e narrar a si mesmo para bichas pretas positivas para hiv/aids.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando Abreu. Cartas para Além dos Muros. In: idem. Abreu, Caio Fernando, 1948-1996. *Pequenas epifânias* / Caio Fernando Abreu. 4. ed. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

CARDOSO, Lourenço. “Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco elitista”. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Vol. 8. 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.

DAYRELL, Juarez T. A educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 15, p. 21-29, jun, 1992.

DUMARESQ, L. Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênera). *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 121–131, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17180>. Acesso em: 10 ago. 2022.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em: 7 jun. 2022.

EVARISTO, Conceição. *Mulheres no mundo – etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idea/ Editora Universitária – UFPB, 2005. p. 201-212.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998. [1970].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

Grada KILOMBA. A Máscara. Trad. OLIVEIRA, Jessica. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 16, p. 171-180, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

KOGURE, Linda Emiko. *Jogadores de espetáculo: uma interface entre a ficcionalidade literária e midiática na escritura de Caio Fernando Abreu*. (Dissertação Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, 2005.

SANTOS, Livia Maria Souza. Poéticas da diferença: a representação de si a lírica afro-feminina. In: *A cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana*. – N. 1 (1997). Feira de Santana: UEFS, 1997.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: poesia grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

UNAIDS. 2019. *Nota sobre relatos de dificuldade de acesso a medicamentos antirretrovirais*. Disponível em: <https://unaid.org.br/tag/falta-de-medicamentos/>. Acesso em: 10 set. 2021.